

# A Harpdiscórdia de Hopkins

Augusto de Campos

Há cem anos morria o poeta inglês Gerard Manley Hopkins, nascido em Stratford, Essex, em 1844. A ele dediquei, no meu livro *Verso reverso controverso*, um pequeno estudo, acompanhado da tradução de um de seus mais belos poemas, "O eco de ouro e o eco de bronze"<sup>(1)</sup>.

Hopkins foi um "inventor", e dos maiores, dentre aqueles que, ao longo dos tempos, "à margem da margem", revolucionaram a linguagem poética. Vivendo na Inglaterra, em plena era vitoriana, esse poeta de estranha personalidade, que se ordenou jesuíta e se confessava comunista<sup>(2)</sup>, levou o verso a um grau de radicalização sintático-semântica só comparável ao dos mais ousados simbolistas franceses. Torceu a sintaxe em construções e inflexões inusitadas, criou neologismos e compósitos vocabulares sem precedentes, e inovou a métrica e o ritmo, até chegar à disciplina livre do seu *f25sprung rhythm* (ritmo saltado ou saltante). Remontando às origens da tradição anglo-saxônica e galesa, reabilitou a aliteração, a assonância e a paronomásia, erigindo tais recursos estilísticos em fatores privilegiados da estruturação do texto, com audácias antecipadoras da "harpdiscórdia" de James Joyce e do "offcio ou arte" sonorista de Dylan Thomas. Nesse sentido, alterou significativamente a tessitura prosódica, sendo, como Joyce e Thomas, um escritor para ser lido (ele assim o postulava) "mais com os ouvidos do que com os olhos", um poeta cujos textos ganham muito quando oralizados. De outra parte, o caleidoscópio de suas justaposições e intraposições vocabulares não deixa de remeter, em nível sinestésico, ao imaginário plástico, trazendo à mente as mosaicologas dos azulejos de Gaudi no Parque Güell. *Music, the mosaic of the air*, pré-sintetizaria um poeta barroco seiscentista, o "metafísico" Andrew Marvell.

As experiências de interiorização reflexiva de Hopkins, ligadas à sua vivência religiosa – ele ordenou-se jesuíta aos 33 anos – dão à sua poesia um registro incomum de dramaticidade (aquele *páthos* terrível entrevisto em seus textos pelo companheiro poeta Richard Watson Dixon) e dele fazem um dos grandes poetas místicos de todos os tempos, ao lado dos de La Cruz (Soror Juana e San Juan)<sup>(3)</sup>.

No plano estético, suas reflexões constituem um agudo e inventivo criticismo do fazer literário. Hopkins chega a achados inéditos como a noção de *inscape* ("design" ou estrutura interna), "o reflexo exterior da natureza interna de uma coisa", correlacionada à de *instress* (energia ou pulsão interna), expressões por ele cunhadas para identificar o processo de inter-relação entre criação e intuição. Para que se possa dimensionar a relevância de sua teoria e prática da poesia, basta assinalar que Roman Jakobson utilizou com frequência idéias e conceitos hopkinsianos, como o de "figura de som reiterativa" ou o de "paralelismo" (extraídos das cartas, diários e anotações do poeta), deles se servindo para formular as suas próprias análises estruturais do texto. Por isso mesmo refere-se a Hopkins como "lúcido pioneiro do mundo da poesia e da poética" e enfatiza a sua "prodigiosa compreensão da estrutura da poesia"<sup>(4)</sup>.

Hopkins não conheceu a fama em vida. Só teve a sua obra divulgada em livro postumamente, a partir de 1918, pelo também poeta e amigo Robert Bridges, que não chegou, porém, a compreendê-la, tendendo a tomar por defeitos estilísticos as principais inovações do seu interlocutor. A reabilitação tomou força na década de 30, quando veio a lume a 2ª edição, revista, com introdução de Charles Williams, contagiando críticos como I. A. Richards, William Empson, F. R.

**AUGUSTO DE CAMPOS** é poeta, tradutor de poesia e ensaísta. Seus livros mais recentes são *À margem da margem* e *Linguaviagem* (ambos pela Editora Companhia das Letras).

1 "Dos poetas bizarros a Hopkins", em *Verso, reverso controverso*, Augusto de Campos, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1ª ed. 1978, 2ª ed. rev., 1988, pp. 199-209.

2 Em carta a Robert Bridges (2/8/1871), Hopkins, já noviço da Sociedade de Jesus, afirmaria: "Devo dizer-lhe que estou sempre pensando no futuro comunista. (...) Contudo, temo que uma grande revolução não esteja longe. Horrível dizê-lo, de certo modo eu sou um comunista. O ideal deles, excetuando algumas coisas, é mais nobre que o professado por qualquer estadista secular que eu conheça (devo admitir que vivo às cegas e atiro a esmo). Além disso, é justo. – Não quero dizer que os meios de atingi-lo o sejam. Mas é uma coisa terrível para a parcela maior e mais necessária de uma nação muito rica viver uma vida dura, sem dignidade, conhecimentos, confortos, prazer ou esperança no meio da fartura – uma fartura que eles constroem."

3 Damaso Alonso, em estudo introdutório às suas traduções de Hopkins – que lamentavelmente renunciaram a todas as características estilísticas do poeta – afirma: "Pense o leitor espanhol (ainda que a comparação seja imperfeita) em um Góngora com a profundidade espiritual de San Juan de la Cruz, ou antes, em San Juan de la Cruz que tivesse escrito com as complexidades e riquezas de Góngora." "Seis poemas de Hopkins", em *Poetas espanhóis contemporâneos*, Madrid, Editorial Gredos, 1952, pp. 404-405.

4 "Linguística e poética", em *Linguística e comunicação*, Roman Jakobson, São Paulo, Ed. Cultrix, 1969, pp. 118-162. "Poesia della grammatica e grammatica della poesia", em *Autortratto di un linguista*, Bolonha, Il Mulino, 1987, pp. 83-115.

Leavis, Herbert Read, e outros. A edição definitiva coube a W. H. Gardner, o grande estudioso e intérprete de Hopkins (edição ampliada, da Oxford University Press, 1948, seguida, em 1967, de outra, ainda mais completa, com a colaboração de N. H. Mackenzie).

O seu mais longo e complexo poema é "The wreck of the Deutschland" (o naufrágio do Deutschland), inspirado num fato real, o desastre marítimo do navio "Deutschland", que saiu do porto de Bremen com destino à América e encalhou num banco de areia, na foz do Tâmis, durante uma tempestade, em dezembro de 1875, fazendo muitas vítimas, entre as quais cinco freiras da Ordem de São Francisco, exiladas da Alemanha.

Oriundo de família anglicana, o poeta se convertera ao catolicismo e, ao assumir o noviciado em 1868, decidiu queimar todos os versos que escrevera e renunciar à poesia. Rompendo um silêncio de sete anos, o poema veio a figurar no pórtico da coletânea de composições da maturidade, deixadas por ele, o que lhe valeu o reproche pouco inteligente do primeiro editor, Robert Bridges, para quem "The wreck of the Deutschland" "se encontra lógica, e também cronologicamente, à frente do seu livro como um enorme dragão enrodilhado no portal para impedir a entrada"...

Trata-se, na verdade, de uma extraordinária composição, um compêndio de todas as técnicas do poeta, e a mais completa exposição do seu visionarismo místico.

O poema se divide em duas partes, a primeira com 10 e a segunda com 25 estrofes. São 35 oitavas heterométricas, que obedecem ao sistema que o autor denomina de *sprung rhythm* – uma modalidade de ritmo acentual, em que os pés são formados por uma tônica seguida (ou não) de um número indefinido de átonas (em geral até quatro), permitindo uma grande variedade de comprimento de versos silábicos, mantida, pela acentuação, a equivalência do ritmo. Aqui, o desenho rítmico das estrofes é o seguinte, por número de acentos em cada linha: 2-3-4-3-5-5-4-6, na primeira parte, com uma pequena variante das estrofes da segunda parte, onde a primeira linha tem 3 acentos, como a segunda e a quarta. As rimas mantêm o esquema A-B-A-B-C-B-C-A, sem contar as internas, de que Hopkins faz uso abundante. O rimário é rico, e até incomum, não apenas pelas ressonâncias internas, como pelas soluções de rima-montagem, que chegam a incorporar a primeira consoante do verso seguinte: *leeward*, com *drewed her/D*, na estrofe 14, ou *of them*, com *of the/M* e *Providence*, com *of it and/S*, na estrofe 31.

O repertório de transgressões lingüísticas de Hopkins é enorme. Elisões de pronomes e verbos, deslocamentos sintáticos, interpolações interjetivas, intraposições tméticas, cadeias de compostos neológicos. Na faixa sonora, aliterações, paronomásias, rimas internas – uma linguagem de acordes e dissonâncias vocabulares, de sons e de ruídos, em que as palavras percutem ou repercutem umas nas outras dentro da estrofe, como bem exemplifica a de nº 8, onde sobressai internamente, e independente das rimas, a cadeia de vocábulos *lash – lush – plush – flesh – gush – flush – flash*, que reverbera ainda em outros (*lush-kept plush-capped*, ou *best or worst / word last / last or first*) em ziguezague sonoro. Pares interaliterantes são criados à maneira da antiga poesia galesa, e do seu *cynghanedd*, "um elaborado sistema de aliteração e rima interna", segundo esclarece W.H.Gardner: "Warm-laid grave of a womb-life gray" (estrofe 7)<sup>(5)</sup>, vertido em minha tradução por: "Tumba casulo-cálida de uma triste ventre-vida". As aliterações sobrecarregadas lembram a prática do verso original anglo-saxônico, que Pound revivificou na sua versão do "The Seafarer", ou a poesia medieval dos "Middle Scots poets", como Henryson ou Dunbar: "O duiifull death! O dragon dolorous!"

Como acentua F.R. Leavis, em seu pioneiro estudo a propósito da poesia de Hopkins, "suas palavras e frases são ações tanto quanto sons, idéias e imagens, e devem ser lidas tanto como o corpo como com o olho". É do mesmo crítico a observação sobre "The wreck of the Deutschland": "Este poema foi o seu primeiro experimento ambicioso, e é o mais interessante, na medida em que seus recursos técnicos são desenvolvidos numa grande extensão: a associação da pulsão interior, espiritual e emocional com reverberações físicas, tensões nervosas e musculares que caracteriza o seu melhor verso é aqui explicitamente elaborada na descrição de uma tempestade que é ao mesmo tempo a descrição de um drama interior"<sup>(6)</sup>...

A compressão sintática, aliada à ênfase na materialidade dos vocábulos, dá, efetivamente, ao poema o caráter de uma experiência viva, física, imediata, tanto no que concerne ao evento propriamente dito (ver as estrofes 13 a 17 que descrevem os embates do navio em meio à borrasca e a morte do marinheiro que tenta salvar alguns naufragos) como da tensão psicológica que envolve o poeta, como se pode perceber desde as primeiras estrofes, em que detalhes bio-orgânicos (ossos, veias, diafragma) são trazidos ao primeiro plano, assim como as sensações de vôo e vertigem (estrofes 2 e 4). Na estrofe 8, o sensualismo do paladar é explorado não só em quase-onomatopéias gustativas, mas através de uma cadeia de *enjambements* e pausas, a partir da estrofe 7, cuja última linha surpreendentemente vai desembocar na seguinte, após um corte abrupto. Outro exemplo desse isomorfismo experiência - expressão está na estrofe 28, em que o poeta

5 *Poems and prose of Gerard Manley Hopkins*, W. H. Gardner, Londres, Penguin Books, 1953, pp. 243-244.

6 *New bearings in English poetry*, F. R. Leavis, Londres, Chatto & Windus, 1932 (nova edição 1950), pp. 159-193.

justapõe frases entrecortadas, multiplicando o suspense, para descortinar, pouco a pouco, a visão de Cristo. Mas o poeta usa também o recurso da metáfora, à maneira dos poetas "metafísicos" (como assinala ainda Leavis), combinando conceito, imagem e som numa das mais belas estrofes da composição, a de nº 4: "*I am soft sift / In an hourglass*" (Sou suavemente filtrado / Numa ampulheta, em tradução literal) ou "Eu sou só pó / De uma ampulheta", na minha tentativa de recriação. É este também o caso da estrofe inicial da segunda parte (nº 11), que introduz bruscamente a fala da Morte, numa seqüência de comparações substantivas e aliterantes: *Some find me a sword; some / The flange and the rail; flame, / Flang or flood, goes Death on drum* (uns me chamam alfange, / Ou roda ou trilho; flama, / Farpa ou flagelo, a Morte range).

Em *ReVisão de Sousândrade*, a propósito da técnica de palavras compostas e palavras-metáfora do revolucionário poeta maranhense, e de suas afinidades com as criações hopkinsianas, Haroldo de Campos e eu examinamos em detalhe os vários tipos de construções forjadas pelo poeta inglês, que vão das tomadas cromático - "imagistas", como *gold-vermillion*, passando por agregações semilexicalizadas (*quickgold*, proveniente da lexicalizada *quicksilver*), a compostos inéditos, como *martyr-master* (estrofe 21 do nosso poema), e cada vez mais complexos, como *dapple-with-damsom west* (estrofe 5), que verti por "milmanchado oriente". As justaposições podem formar longas cadeias, em que blocos de sintagmas se reduzem a uma só unidade, como na linha "*the rolling level underneath him steady hair*", onde as palavras que antecedem o substantivo *hair* funcionam como adjetivo. As construções tméticas, como *Brim, in a flesh, full!*: (estrofe 8), traduzi por "Trans, Luz, bordal" unem-se às aliterações e às palavras compostas para chegar a formações de grande complexidade, como ocorre na estrofe 34 com as linhas "*The heaven-flung, heart-fleshed, maiden-furled / Miracle-in-Mary-of-flame / Mid-numbered He in three, of the thunder-throne!*" (céu-posto, coração-carnato, virgencasulado / Milagre-em-Maria-de-flama, / Dois-numerado Ele em três do trovão-trono!). Comenta W.H. Gardner: "A segunda linha contém uma tmesse: 'milagre-de-flama em Maria' é reestruturado de modo que a posição de 'em Maria' sugere o encasulamento da criança na mãe e também que a própria Maria é uma parte intrínseca do milagre. Registre-se ainda que todas as palavras antes e depois do 'Ele' constituem uma descrição caracterizadora de Cristo, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade"<sup>7</sup>.

Sublinhando o caráter de funcionalidade das elipses e condensações radicais do poeta, Charles Williams, o organizador da 2ª edição da obra, assinala a linha "*Thou hast bound bones and veins in me, fastened me flesh*" (Ligaste ossos e veias em mim, carne críaste-/ME), da 1ª estrofe na qual a apreensão intensa do tema fornece "duas ou mais palavras necessárias quase ao mesmo tempo", concluindo: "É como se a imaginação, procurando expressar-se, tivesse encontrado verbo e substantivo simultaneamente num mesmo impulso, e começado quase que a dizê-los de uma só vez, e os tivesse separado unicamente porque o intelecto convertera a unidade originária em sons divididos, embora relacionados"<sup>8</sup>.

É essa tensão entre ligação e paixão que está na base de suas palavras compostas, de suas tmeses e de seus conglomerados sonoros, verdadeiros *clusters* vocabulares. Todas essas práticas atendem a um impulso de isomorfismo (fusão de forma e conteúdo) e de iconização (contaminação do signo verbal pelo referente) à procura de maior identificação com a experiência, rompidas, se necessário, as amarras da sintaxe convencional e do "decoro" lingüístico. *Instress* em busca de *inscape*.

Para o padre-poeta, o naufrágio é uma alegoria da condição humana, uma parábola que mostra o homem questionando a vida e a morte e encontrando na fé a redenção do sofrimento, sob a inspiração do sacrifício de Cristo. A primeira parte do poema é dedicada à meditação do autor sobre a sua própria experiência de revelação mística. A segunda, que se inicia com a dramática alocação da Morte *in persona*, é reservada à descrição do naufrágio e ao exemplo edificante da "alta soror que ora", assumindo a expiação; o naufrágio é também um signo paradoxal da grandiosidade divina, e o poema termina com um hino em louvor a Deus e um pedido à freira afoçada em prol da conversão da Inglaterra. São frequentes as alusões, mais ou menos crípticas, a personagens ou símbolos religiosos: *Gertrude* (estrofe 20) é o nome de uma santa do século XIII, que morou em Eisleben, cidade natal de Lutero; *cinco* (estrofes 22-23) é o número de freiras mortas e também o das chagas de Cristo e o dos estigmas recebidos por São Francisco numa visão; a estrofe 25 refere-se à conduta dos Apóstolos do episódio da tempestade no lago de Genesaré; a estrofe 30 alude à festa da Imaculada Conceição (8 de dezembro), relacionada ao dia do naufrágio. Emblemas e estilemas do credo exposto pelo poeta.

Mas como ocorre com a obra de todos os grandes artistas religiosos, o que sobreleva aqui é a qualidade estética, a par da capacidade de dar forma à emoção e à angústia do homem diante da morte, de flagrar um momento pregnante da vida, em sua fragilidade e em seu mistério. É isso que permite a Hopkins despertar a empatia do leitor, independentemente de qualquer adesão às

7 W. H. Gardner, op. cit., pp. XXXIII-XXXIV. Consultar: *ReVisão de Sousândrade*, Augusto e Haroldo de Campos, (1ª edição, 1964), 2ª edição revista e aumentada, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, pp. 78 a 106.

8 "Introdução à 2ª edição de *Poems of Gerard Manley Hopkins*" (editado com notas por Robert Bridges), Charles Williams, Londres, Oxford University Press, 1944 (edição original, 1930), p. XI.

suas concepções religiosas. Para tanto contribui, por certo, a fusão incomum de espiritualidade e sensualismo que caracteriza a poesia de Hopkins. As palavras pulsam, sensorializadas, naquele "encontro nu de sensualidade e ascese", que escandalizou Robert Bridges<sup>9</sup>, projeção da patética discordia concors do temperamento barroco do poeta<sup>10</sup>. Veraz com a sua experiência, fiel aos sons e ruídos do seu conflito interno, foi com todas as dissonâncias que Hopkins desafinou o coro do bom-tom vitoriano para ingressar na modernidade.

Há tempos José Geraldo Moutinho me enviou cópias de duas traduções de "The wreck of the Deutschland" e respectivos comentários – a de Augusto Guidi ("Il naufragio del Deutschland", em *Poesie di G.M.H.*, Guanda, Parma, 1952) e a de Pierre Leyris ("*Le Naufrage du Deutschland*", Seuil, Paris, 1964) –, ambos trabalhos respeitáveis, embora sem grandes aspirações criativas, sugerindo-me que tentasse, por meu turno, uma versão do poema. Por mais de uma vez iniciei o projeto, para logo desistir, vencido – *soft sift* – pelas dificuldades formais da composição. Finalmente, este ano, que é o do centenário do poeta, só lembrado entre nós pelo próprio Moutinho – com o artigo *G.M. Hopkins, padre e poeta*, publicado no periódico *Letras e Artes* nº 4 (Rio de Janeiro, 4-8-89) – retornei ao "Naufrágio" e segui aprofundar o trabalho. A Nogueira Moutinho, pois, dedico a tradução, esperando não decepcionar às suas expectativas.

Além das duas versões mencionadas, consultei também a de Jean-Georges Ritz (*Poèmes*, e Aubier, Paris, 1980). Todas elas, ademais dos estudos referidos no curso desta introdução, e da bela leitura de Cyril Cusack, gravada pela Caedmon Records (CDL 51111, 1972), ajudaram-me a compreender e interpretar o poema. Diferentemente, porém, dos meus predecessores, que expressa ou implicitamente excluem a possibilidade de reproduzir a estilística de Hopkins em suas traduções<sup>11</sup>, optei por tentar recriar em português as infrações e as invenções lingüísticas do poeta, inclusive o ritmo acentual – o *sprung rhythm*. O resultado será, no mínimo, um estudo artístico de formas e dicções poéticas, que imagino rico e instigante na medida em que pode expandir além-fronteiras os supostos limites ou limitações do idioma. É claro que – como um ator que desempenha o seu papel – assumi uma *persona* e me deixei contagiar pela generosa paixão e compaixão do poeta, colocando entre parênteses as reservas do meu agnosticismo. Aqui se requer, necessariamente, uma *suspension of disbelief*. A frio, não creio que conseguiria levar a cabo empreendimento tão exigente e esgotante.

Uma das curiosidades da tradução é que a linguagem de Hopkins passa, em minha leitura-interpretação, pela linguagem de Sousândrade. Em outras palavras: traduzo muitas vezes Hopkins em sousandradês – um achado a que fui naturalmente induzido pela homologia do discurso poético, ratificando as observações que fizemos Haroldo e eu sobre as afinidades estilísticas dos dois poetas, em *ReVisão de Sousândrade*. O leitor familiarizado com a linguagem do poeta maranhense há de encontrar ecos e toques de Sousândrade na formulação de muitos compostos e na elaboração da estrutura sintática. Como Sousândrade, Hopkins propôs uma "insurreição" sonora: "Ele afinou as cordas de sua harpa / Nos tons que ele somente e a sós escuta" (*Guesa*, Canto V)<sup>12</sup>. Uma insurreição que sequer foi ainda digerida, quanto mais ultrapassada entre nós. Acima e além das modas e modelitos do atual e medíocre pós-neo-retrô-moderno, a "harpdiscórdia" de Hopkins – como a de Sousândrade – continua a ser um repositório fértil de informações, surpresas e desafios.

9 A expressão foi utilizada por Bridges, em seu prefácio, a propósito do poema "O eco de ouro e o eco de bronze".

10 "Esse 'encontro nu de sensualidade e ascese' que ofendeu a reverência oitocentista de Robert Bridges descreve excelentemente as metáforas de Hopkins, que, combinando Pater (Walter) e piedade, fez concordâncias discordes do céu e da terra" (*Forces in modern british literature*, (William York Tindal. Nova York, Ed. 1885-1946, Alfred A. Knopf, 1947, p. 214).

11 Declara Damaso Alonso (op. cit., p. 416): *He creído imposible conservar en español muchas de las peculiaridades del estilo original: no se busquen en mis versiones los característicos compuestos, imposibles en nuestra lengua; tampoco, o escasísimamente, la magia de la aliteración, la riqueza y la reconditez del vocabulario, la extrañeza de la sintaxis, el realce de la rima (por otra parte, a veces, bien osada, como cuando Saviour aconsejante com gave you a); no se busquen tampoco las delicadezas y sutilezas del Sprung rhythm, menos aún las de sus complicaciones (outrides, etc).* Ritz é da mesma opinião: *Traduire Hopkins! Impossible gageure. Aucune des richesses verbales, des assonances, des consonances et des alliterations que font l'originalité et la beauté du texte anglais ne peuvent "passer" en français.* (op. cit., p. 68).

12 Em *ReVisão de Sousândrade* transcreve-se por inteiro o trecho – quatro quadras – a que pertencem estes versos, autêntico manifesto da "insurreição" sousandradina, no qual o poeta postula que se leiam "letras sestras", quando "fora das leis", e pede que se incorporem aos "belos sons da orquestra" os "gritos, que estão na natureza", "desacordes... mas selvagens de pureza".

**The wreck  
of the Deutschland  
O naufrágio  
do Deutschland**

**Gerard Manley Hopkins  
(1844-1889)**

**(tradução de Augusto de Campos)  
1989**

*To the  
happy memory of five Franciscan nuns  
exiles by the Falck Laws  
drowned between midnight and morning of  
Dec. 7th, 1875*

*À memória feliz de cinco freiras Franciscanas banidas  
pelas leis Falk afogadas entre a meia-noite e a manhã  
de 7 de dezembro de 1875*

PART THE FIRST

I

THOU mastering me  
God! giver of breath and bread;  
World's strand, sway of the sea;  
Lord of living and dead;  
Thou hast bound bones and veins in me, fastened me flesh,  
And after it almost unmade, what with dread,  
Thy doing: and dost thou touch me afresh?  
Over again I feel thy finger and find thee.

2

I did say yes  
O at lightning and lashed rod;  
Thou heardst me truer than tongue confess  
Thy terror, O Christ, O God;  
Thou knowest the walls, altar and hour and night:  
The swoon of a heart that the sweep and the hurl of thee trod  
Hard down with a horror of height:  
And the midriff astrain with leaning of, laced with fire of stress.

3

The frown of his face  
Before me, the hurtle of hell  
Behind, where, where was a, where was a place?  
I whirled out wings that spell  
And fled with a fling of the heart to the heart of the Host.  
My heart, but you were doves winged, I can tell,  
Carrier-witted, I am bold to boast,  
To flash from the flame to the flame then, tower from the grace  
to the grace.

4

I am soft sift  
In an hourglass – at the wall  
Fast, but mined with a motion, a drift,  
And it crowds and it combs to the fall;  
I steady as a water in a well, to a poise, to a pane,  
But roped with, always, all the way down from the tall  
Fells or flanks of the voel, a vein  
Of the gospel proffer, a pressure, a principle, Christ's gift.

## Primeira Parte

1

Mestre de mim  
Deus! doador do ar e da dor;  
Fibra do mundo, mar sem fim;  
Senhor de morte e amor;  
Ligaste ossos e veias em mim, carne criaste-  
Me, e quase desfizeste, após, horror,  
Teu feito: e ora me tanges com tua haste?  
De novo teu dedo doa e dói e eu digo sim.

2

Sim – fui falar  
Ah! ao raio açoite dos céus;  
Ouviste-me mais luz que língua confessar  
Terror de ti, ó Cristo, ó Deus;  
Sabes o muro, hora, altar, noite escura;  
O ardor do peito ao som e ao trom de ti que leva meus  
Passos para baixo com horror de altura:  
E o diafragma teso com o peso, ao fogo da tensão sem ar.

3

Franzir da Face  
À frente, inferno pranto  
Atrás, onde um, um só lugar que satisfaça?  
Girei asas de encanto  
E em vôo-corção fugi ao coração do Alto.  
Meu coração, mas foste pomboalado, ah! quanto,  
Pazmensageiro, eu o proclamo, arauto,  
Para luzir de flama a flama, alçar de graça a graça.

4

Eu sou só pó  
De uma ampulheta – ao pé da  
Parede, nó do movimento, mó  
Que me coa e ecoa à queda;  
Quieto como água parada, até a pedra, a areia,  
Porém encordado sempre, a cair da aresta  
Em riste do rochedo, com a veia  
Da bíblica proposta, pressão, princípio, Cristo só.

5

I kiss my hand  
To the stars, lovely-asunder  
Starlight, wafting him out of it; and  
Glow, glory in thunder;  
Kiss my hand to the dappled-with-damson west;  
Since, tho' he is under the world's splendour and wonder,  
His mystery must be instressed, stressed;  
For I greet him the days I meet him, and bless when I understand.

6

Not out of his bliss  
Springs the stress felt  
Nor first from heaven (and few know this)  
Swings the stroke dealt –  
Stroke and a stress that stars and storms deliver,  
That guilt is hushed by, hearts are flushed by and melt –  
But it rides time like riding a river  
(And here the faithful waver, the faithless fable and miss).

7

It dates from day  
Of his going in Galilee;  
Warm-laid grave of a womb-life grey;  
Manger, maiden's knee;  
The dense and the driven Passion, and frightful sweat;  
Thence the discharge of it, there its swellings to be,  
Though felt before, though in high flood yet –  
Where none would have known of it, only the heart, being hard  
at bay,

8

Is out with it! Oh,  
We lash with the best or worst  
Word last! How a lush-kept plush-capped sloc  
Will, mouthed to flesh-burst,  
Gush! – flush the man, the being with it, sour or sweet,  
Brim, in a flash, full! – Hither then, last or first,  
To hero of Calvary, Christ's feet –  
Never ask if meaning it, wanting it, warned of it – men go.

5

Minha mão beijo  
Para as estrelas, lindistante  
Claroestelar, e a Ele adejo,  
Glória em trovão, triunfante;  
Beijo-me a mão para o milmanchado oriente;  
Pois mesmo sob o mundo em esplendor, radiante,  
O seu mistério preme, imprime a mente;  
E eu me rendo quando compreendo e me abençôo se o vejo.

6

Não de alegria  
Vem a pressão que o imprime  
Nem do céu (só o sábio o saberia)  
Desce a tensão que oprime –  
Pressão, tensão, de que estrelas e estrondos são o agente,  
Que a culpa escora e aos corações cora e redime –  
Mas que cavalga o tempo como a um rio corrente  
(E aqui o fiel vacila, o sem-fé fabula e se desvia).

7

Data da ida  
À Galiléia, daquele dia;  
Tumba casulo-cálida de uma triste ventre-vida;  
Joelho de virgem, estrebaria;  
A densa e dispersa Paixão, o suor tremente;  
De onde a efusão, de onde a expansão que se irradia,  
Ainda antes sentida, do ventre de uma enchente –  
O que ninguém saberia, só o coração, na extrema lida,

8

Revela! Bem ou mal,  
Vale a melhor ou a pior  
Palavra ao fim! Qual polpa ao pal-  
Par, de pele e velo o licor  
Jorra! – e o ser de jus, doce ou acre, com isto  
Trans, luz, borda! – Cedo ou tarde, como for,  
Ao herói do Calvário, aos pés de Cristo –  
Se o quer ou não, com fé ou sem – vai o homem afinal.

9

Be adored among men,  
God, three-numberèd form;  
Wring thy rebel, dogged in den,  
Man's malice, with wrecking and storm.  
Beyond saying sweet, past telling of tongue,  
Thou art lightning and love, I found it, a winter and warm;  
Father and fondler of heart thou hast wrung:  
Hast thy dark descending and most art merciful then.

10

With an anvil-ding  
And with fire in him forge thy will  
Or rather, rather then, stealing as Spring  
Through him, melt him but master him still:  
Whether at once, as once at a crash Paul,  
Or as Austin, a lingering-out swéet skill,  
Make mercy in all of us, out of us all  
Mastery, but be adored, but be adored King.

PART THE SECOND

11

'Some find me a sword; some  
The flange and the rail; flame,  
Fang, or flood' goes Death on drum,  
And storms bugle his fame.  
But wé dream we are rooted in earth - Dust!  
Flesh falls within sight of us, we, though our flower the same,  
Wave with the meadow, forget that there must  
The sour scythe cringe, and the blear share come.

12

On Saturday sailed from Bremen,  
American-outward-bound,  
'Take settler and seamen, tell men with women,  
Two hundred souls in the round -  
O Father, not under thy feathers nor ever as guessing  
The goal was a shoal, of a fourth the doom to be drowned;  
Yet did the dark side of the bay of thy blessing  
Not vault them, the million of rounds of thy mercy not reeve  
even them in?

9

Sê adorado entre nós,  
Forma trinúmera, Deus;  
Tortura o teu rebelde, no antro atroz,  
A malícia do homem, com naufrágio e escarcéus.  
Além do dizer doce, aquém da foz das falas,  
És inverno e calor, eu o sei, raios e céus;  
Pai e pastor do coração que abalas:  
Tens densas descaldas e é quando mais suave é tua voz.

10

Com bigorna e brado  
É com seu fogo forja a mente  
Ou antes, sim, antes, primavera-alado  
Voa por ele, flui nele, mestrememente:  
Quer presto como Paulo, no rastro do astro que o ilumina,  
Quer como Agostinho, argúcia e tino, em paz paciente,  
Tem piedade de nós, por nós todos domina,  
Mestre, mas sê adorado, para sempre sê, Rei, adorado.

### Segunda Parte

11

"Uns me chamam alfange,  
Ou roda e trilho; flama,  
Farpa ou flagelo", a Morte range  
E a tempestade clama a sua fama.  
Mas nós sonhamos ter raiz na terra: – Pó!  
A carne cai diante de nós e, flor da mesma lama,  
Ondulamos nos campos, olvidando só  
Que a foice é cega e ceifa e a relha é turva e tange.

12

Num sábado, de Bremen, confiantes  
Partem – a América é seu rumo.  
Marujos, homens e mulheres, tripulantes,  
Duzentas almas, em resumo.  
Ó Pai, sob tuas plumas, nem presságio da desgraça,  
De que a meta era a morte e o mar, para um quarto deles, era o túmu-  
Lo; e todavia o lado amargo do arco da tua graça  
Não os abarca, nem os milhões de anéis do teu perdão foram bastantes?

13

Into the snows she sweeps,  
Hurling the haven behind,  
The Deutschland, on Sunday; and so the sky keeps,  
For the infinite air is unkind,  
And the sea flint-flake, black-backed in the regular blow,  
Sitting Eastnortheast, in cursed quarter, the wind;  
Wiry and white-fiery and whirlwind-swivellèd snow  
Spins to the widow-making unchilding unfathering deeps.

14

She drove in the dark to leeward,  
She struck – not a reef or a rock  
But the combs of a smother of sand: night drew her  
Dead to the Kentish Knock;  
And she beat the bank down with her bows and the ride of  
her keel:  
The breakers rolled on her beam with ruinous shock;  
And canvas and compass, the whorl and the wheel  
Idle for ever to waft her or wind her with, these she endured.

15

Hope had grown grey hairs,  
Hope had mourning on,  
Trenched with tears, carved with cares,  
Hope was twelve hours gone;  
And frightful a nightfall folded rueful a day  
Nor réscue, only rocket and lightship, shone,  
And lives at last were washing away:  
To the shrouds they took, – they shook in the hurling and horrible  
airs.

16

One stirred from the rigging to save  
The wild woman-kind below,  
With a rope's end round the man, handy and brave –  
He was pitched to his death at a blow,  
For all his dreadnought breast and braids of thew:  
They could tell him for hours, dandled the to and fro  
Through the cobbled foam-fleece. What could he do  
With the burl of the fountains of air, buck and the flood of the  
wave?

13

Em neve e névoa, ao léu,  
Longe do porto, seguiu  
O Deutschland, no domingo; o mesmo céu,  
O ar infinito, hostil.  
E o mar escuma-escama, trevaturvo, sob a mira da ira  
Do és-nordeste, o maldito ponto, o vento vil;  
A neve fogo-fátua e o rede-vira-moinho gira  
Rumo ao fundo, o viuvante, desfilho, despai, o fundo breu.

14

Deriva a sota-vento em treva,  
Não racha em rocha ou fraga –  
Afunda em mole areia. A noite o leva.  
Em Kentish Knock naufraga.  
Bate nos bancos, casco e quilha espreme:  
C mar varre o convés e com estrondo o traga;  
Vela e compasso, hélice e leme  
Não mais podem mover ou desviar: a nave entreva.

15

A Esperança ganhou cãs.  
A Esperança em luto e des-  
Espero e pranto e lutas vãs  
Há doze horas se desfez.  
E treva sem trêgua dobrou o dia de dor,  
Sem socorro, só fogo e faróis, até que de vez  
Vidas sem vida vieram se depor  
Nas mortalhas gemendo, – tremendo no horror das rajadas malsãs.

16

Um vem dos mastros para salvar  
As mulheres se esvaindo no convés,  
Com uma corda em torno da cintura, do ar  
Foi lançado à morte, de viés,  
Com todo o feixe de músculos e o impávido peito:  
Viram-no por horas, indo-e-vindo, através  
Do velo-valo da vaga; o que poderia ter feito  
Contra os nós dos novelos do ar, os arremessos das mãos do mar?

## 17

They fought with God's cold –  
 And they could not and fell to the deck  
 (Crushed them) or water (and drowned them) or rolled  
 With the sea-romp over the wreck.  
 Night roared, with the heart-break hearing a heart-broke  
 rabble,  
 The woman's wailing, the crying of child without check –  
 Till a lioness arose breasting the babble,  
 A prophetess towered in the tumult, a virginal tongue told.

## 18

Ah, touched in your bower of bone,  
 Are you! turned for an exquisite smart,  
 Have you! make words break from me here all alone,  
 Do you! – mother of being in me, heart.  
 O unteachably after evil, but uttering truth,  
 Why tears! is it? tears; such a melting, a madrigal start!  
 Never-eldering revel and river of youth,  
 What can it be, this glee? the good you have there of your own?

## 19

Sister, a sister calling  
 A master, her master and mine! –  
 And the inboard seas run swirling and hawling;  
 The rash smart slogging brine  
 Blinds her; but she that weather sees one thing, one;  
 Has one fetch in her: she rears herself to divine  
 Ears, and the call of the tall nun  
 To the men in the tops and the tackle rode over the storm's  
 brawling.

## 20

She was first of a five and came  
 Of a coifèd sisterhood.  
 (O Deutschland, double a desperate name!  
 O world wide of its good!  
 But Gertrude, lily, and Luther, are two of a town,  
 Christ's lily and beast of the waste wood:  
 From life's dawn it is drawn down,  
 Abel is Cain's brother and breasts they have sucked the same.)

17

Era o dedo de Deus – o seu frio,  
Como combatê-lo? no tombadilho iam tombar  
(Que os esmagava) ou na água (que os afogava) em desvario  
Entre os destroços sob a folia do mar.  
A noite uivava ouvindo turva a turba em torvelinho,  
O gemer das mulheres, as crianças carentes a chorar –  
Até que uma leoa se levantou quebrando o burburinho,  
Uma profetisa triunfou sobre o tumulto, uma língua virginal luziu.

18

Ah! tocado em teu casulo de osso,  
Retornas sob a estranha pulsação,  
Expulsando palavras deste solitário poço,  
Aqui, mãe-do-ser-em-mim, coração,  
Indomável perseguidor do mal, mas vera profecia,  
Ora, lágrimas? Sim, lágrimas; que mole madrigal à mão!  
Riso jamais grisalho e rio de alegria,  
O que há de ser este gáudio, que bem é esse que vem do teu fosso?

19

Irmã, uma irmã chama  
Um mestre, seu mestre e meu! –  
E o mar a bordo turbilhona e trama;  
O sal escorchante do escarcéu  
A cega; mas ela na procela só vê uma escora,  
Uma só âncora: alçar-se a Deus, ao Seu  
Ouvido, e a voz da alta sóror que ora  
Pelos homens nas vergas e nas gáveas supera a borrasca que brama.

20

A primeira, entre cinco, descendente  
De um convento de irmãs devotas  
(Ó Deutschland, nome que dói duplamente!  
Ó mundo desviado das rotas!  
Mas Gertrude, Ifrio, e Lutero vêm da mesma vila,  
O Ifrio de Cristo e a fera das florestas remotas:  
Desde a aurora da vida a verdade se destila:  
Abel é irmão de Caim, sugam os mesmos peitos, provêm da mesma semente.)

Loathed for a love men knew in them,  
 Banned by the land of their birth,  
 Rhine refused them. Thames would ruin them;  
 Surf, snow, river and earth  
 Gnashed: but thou art above, thou Orion of light;  
 Thy unchallenging poisoning palms were weighing the worth,  
 Thou martyr-master: in thy sight  
 Storm flakes were scroll-leaved flowers, lily showers – sweet  
 heaven was astrew in them.

Five! the finding and sake  
 And cipher of suffering Christ.  
 Mark, the mark is of man's make  
 And the word of it Sacrificed.  
 But he scores it in scarlet himself on his own bespoken,  
 Before time-taken, dearest prizèd and priced –  
 Stigma, signal, cinquefoil token  
 For lettering of the lamb's fleece, ruddying of the rose-flake.

Joy fall to thee, father Francis,  
 Drawn to the Life that died;  
 With the gnarls of the nails in thee, niche of the lance,  
 his  
 Lovescape crucified  
 And seal of his seraph-arrival! and these thy daughters  
 And five-livèd and leavèd favour and pride,  
 Are sisterly sealed in wild waters,  
 To bathe in his fall-gold mercies, to breathe in his all-fire glances.

Away in the loveable west,  
 On a pastoral forehead of Wales,  
 I was under a roof here, I was at rest,  
 And they the prey of the gales;  
 She to the black-about air, to the breaker, the thickly  
 Falling flakes, to the throng that catches and quails  
 Was calling 'O Christ, Christ, come quickly':  
 The cross to her she calls Christ to her, christens her wild-worst  
 Best.

21

Desamadas pelo amor nelas imerso,  
Banidas do país natal,  
O Reno as recusou. O Tâmis era adverso.  
Onda, neve, caudal  
Rilharam, mas brilhas mais alto, Órion de luz,  
Tuas palmas pazpausadas pesavam o bem e o mal,  
Ó mártir-mestre: à vista de tua cruz  
Flocos de furacão eram fólhos em flor – chuvas-frios do céu doce-asperso.

22

Cinco! o número e o tema  
E a cifra do Cristo crucificado.  
Marca, a marca é do homem, sua algema,  
E a palavra é Sacrificado.  
Mas Ele a imprime, escarlate, em quem recaem suas escolhas,  
O levado-antes-do-tempo, o que é mais prezado e apreciado,  
Estigma, sinal, signo de cinco folhas,  
Para lavar na lã da ovelha, purpurar as pétalas da rosa-emblema.

23

Glória, frade Francisco, ao teu fervor,  
Afeiçoado à vida que se evade;  
Com os nós dos pregos em ti, nicho da lança, dor  
De Sua crucificada amoridade  
E selo de Sua arcanjovinda! e essas vidas diletas,  
Cinco-folhas e filhas do teu orgulho e bondade,  
Estão sóror-seladas nas águas insurrectas  
Para banhar-se nas bênçãos da Sua chuva-ouro, arfar ao Seu olhar todo-fulgor.

24

Além, no ameno ocidente,  
Em Gales, numa frente pastoral,  
Eu, sob um teto, aqui, insciente,  
E elas, no olho do vendaval.  
Ela para o ar quase-treva, o espasmo da espuma, a espessa  
Fúria dos flocos, para a turba que treme e teme o final,  
Clamava: "Ó Cristo, Cristo, vem depressa":  
A cruz ela chama de Cristo e cristianiza a dor como o seu melhor presente.

25

The majesty! what did she mean?  
Breathe, arch and original Breath.  
Is it love in her of the being as her lover had been?  
Breathe, body of lovely Death.  
They were else-minded then, altogether, the men  
Woke thee with a *we are perishing* in the weather of Gen-  
nesareth.  
Or is it that she cried for the crown then,  
The keener to come at the comfort for feeling the combating  
keen?

26

For how to the heart's cheering  
The down-dugged ground-hugged grey  
Hovers off, the jay-blue heavens appearing  
Of pied and peeled May!  
Blue-beating and hoary-glow height; or night, still higher,  
With belled fire and the moth-soft Milky Way,  
What by your measure is the heaven of desire,  
The treasure never eyesight got, nor was ever guessed what for  
the hearing?

27

No, but it was not these.  
The jading and jar of the cart,  
Time's tasking, it is fathers that asking for ease  
Of the sodden-with-its-sorrowing heart,  
Not danger, electrical horror; then further it finds  
The appealing of the Passion is tenderer in prayer apart:  
Other, I gather, in measure her mind's  
Burden, in wind's burly and beat of endragonèd seas.

28

But how shall I . . . make me room there:  
Reach me a . . . Fancy, come faster –  
Strike you the sight of it? look at it loom there,  
Thing that she . . . there then! the Master,  
*Iipse*, the only one, Christ, King, Head:  
He was to cure the extremity where he had cast her;  
Do, deal, lord it with living and dead;  
Let him ride, her pride, in his triumph, despatch and have done  
with his doom there.

25

A grandeza do grito! Qual o seu sentido?  
Arfa, arqui e arcano Ar.  
É o amor do ser como o seu amante terá sido?  
Arfa, corpo da Morte sem par.  
Diferente era a mente daqueles homens, quando, outrora,  
Com um *estamos perdidos*, em Genesaré, vieram te acordar,  
Ou será que ela implora pela coroa nessa hora,  
Quanto maior o combate, tanto maior o conforto ao chegar por ter combatido?

26

Pois para gáudio do ser  
O gris seio-torrente veio-corrente  
Vai gorar, o azul gaio vai nascer  
De um maio vário e viridente!  
Azul-pulsar e brasa-brisa do alto; ou noite que não se alcança,  
Com fogos de sinos e a Via-Láctea, falena luzfalecente,  
Qual, em vossa medida, é o céu da esperança,  
Tesouro nunca visto nem sentido, de que só se ouviu dizer?

27

Não, não foi essa a razão.  
O ranger do carro, o seu tremor,  
Trabalho do tempo, é que gera a oração  
No coração-encharcado-de-amargor,  
Não o perigo, elétrico terror; mais além se sente  
Que o apelo da Paixão é mais doce quando deriva da dor:  
Outra, eu penso, a cadência de sua mente,  
O seu bordão, no embate da borrasca, nas garras do mar-dragão.

28

Mas como posso... abram-me espaço,  
Dêem-me um... Floresce, fantasia –  
Vara-te a visão? Vês, brilhando baço,  
O que ela... ali, então: o Guia,  
*Ipse*, o único um, Cristo, Cabeça, Soberano,  
Ele vem curar o transe extremo em que a lançou em agonia,  
Sorar, salvar, senhor de vivos e mortos, sobre-humano,  
Que Ele cavalgue (ela a louvá-Lo), em Seu triunfo, e perfaça a sentença, último passo.

Ah! there was a heart right!  
 There was single eye!  
 Read the unshapeable shock night  
 And knew the who and the why;  
 Wording it how but by him that present and past,  
 Heaven and earth are word of, worded by? –  
 The Simon Peter of a soul! to the blast  
 Tarpeian-fast, but a blown beacon of light.

Jesu, heart's light,  
 Jesu, maid's son,  
 What was the feast followed the night  
 Thou hadst glory of this nun? –  
 Feast of the one woman without stain.  
 For so conceived, so to conceive thee is done;  
 But here was heart-throe, birth of a brain,  
 Word, that heard and kept thee and uttered thee outright.

Well, she has thee for the pain, for the  
 Patience; but pity of the rest of them!  
 Heart, go and bleed at a bitterer vein for the  
 Comfortless unconfessed of them –  
 No not uncomforted: lovely-felicitous Providence  
 Finger of a tender of, O of a feathery delicacy, the breast of the  
 Maiden could obey so, be a bell to, ring of it, and  
 Startle the poor sheep back! is the shipwrack then a harvest,  
 does tempest carry the grain for thee?

I admire thee, master of the tides,  
 Of the Yore-flood, of the year's fall;  
 The recurb and the recovery of the gulf's sides,  
 The girth of it and the wharf of it and the wall;  
 Stanching, quenching ocean of a motionable mind;  
 Ground of being, and granite of it: past all  
 Grasp God, throned behind  
 Death with a sovereignty that heeds but hides, bodes but abides;

29

Ah! é um coração enorme,  
É um olho que vê!  
Leu a terrível noite informe  
E soube o quem e o porquê;  
Nomeando-a por quem, se não esse de quem passado  
E presente, céu e terra são a palavra que os lê?  
Um Simão Pedro, esta alma! em estado  
De tarpeiana dureza à tormenta, mas luz-farol que não dorme.

30

Jesus, coração-luz,  
Jesus, virgem-nato de Maria,  
Que festa se fez nesta noite, cruz  
Da irmã que te deu alegria,  
Festa da mulher única sem mancha, inocente,  
Pois assim concebido, assim conceber-te ela poderia,  
Mas aqui houve coração-espasmo, parto da mente,  
Palavra que te ouviu e guardou e te nominou a ti: Jesus.

31

Sim, ela te houve pela dor,  
Pela paciência, mas piedade para os mais,  
Coração, sangra a veia mais amarga por  
Esses inconfessos, infortados, os demais –  
Não, não infortados, a Providência bem-luz-vinda,  
O dedo de uma doce, oh delicadeza de pluma, a que o seio em paz  
De uma virgem poderia obedecer, ser um sino, soar e ainda  
Reunir o rebanho! é o naufrágio a colheita, é para ti o grão que a tempestade vai depor?

32

Eu te admiro, prócer da procela,  
Do Arquidilúvio, do dano do ano,  
Rochedo e rachadura, vala e vela!  
O dique, o cais e o oceano;  
Mas que estancas e extingues uma mente movente;  
Grão e granito do ser; além do humano  
Desfngnio, Deus, entronizado à frente  
Da Morte com soberania que prevê mas provê, se vela mas nos vela.

33

With a mercy that outrides  
The all of water, an ark  
For the listener; for the lingerer with a love glides  
Lower than death and the dark;  
A vein for the visiting of the past-prayer, pent in prison,  
The-last-breath penitent spirits – the uttermost mark  
Our passion-plungèd giant risen,  
The Christ of the Father compassionate, fetched in the storm of  
his strides.

34

Now burn, new born to the world,  
Double-naturèd name,  
The heaven-flung, heart-fleshed, maiden-furled  
Miracle-in-Mary-of-flame,  
Mid-numberèd He in three of the thunder-throne!  
Not a dooms-day dazzle in his coming nor dark as he came;  
Kind, but royally reclaiming his own;  
A released shower, let flash to the shire, not a lightning of fire  
hard-hurled.

35

Dame, at our door  
Drowned, and among our shoals,  
Remember us in the roads, the heaven-haven of the  
Reward:  
Our King back, oh, upon English souls!  
Let him easter in us, be a dayspring to the dimness of us, be  
a crimson-cressed east,  
More brightening her, rare-dear Britain, as his reign rolls,  
Pride, rose, prince, hero of us, high-priest,  
Our hearts' charity's hearth's fire, our thoughts' chivalry's throng's  
Lord.

33

Com mercê sobressai  
Da massa das marés, uma arca  
Para quem ouve, para o moroso de amor cai  
Mais baixo do que a morte abarca;  
Uma vela para a visita das prece-presas do além-amém,  
Das expirantes penitentes almas – derradeira marca,  
Nosso gigante passio-inspirado que revém,  
Colhido no furacão dos seus passos, o Cristo de um piedoso Pai.

34

Arde em todo o orbe, neo-nado,  
Duplo nome da chama,  
Céu-posto, coração-carnato, virgencasulado  
Milagre-em-Maria-de-flama,  
Dois-numerado Ele em três do trovão-trono!  
Não clarão do dia-do-Julzo, nem breu do céu quando chama;  
Gentil mas régio, a demandar o de que é dono;  
Suave chuva, aclare cada are, não-fogo de fulgor raio-lançado.

35

Ó Dama, em tanta dor  
Deposta, em nossa areia,  
Revive em tuas vias, no seio-céu do Valor:  
Que o nosso Rei retorne à aldeia!  
Que ressurreine em nós, arcoirize nossa treva, seja um rubrolume Leste,  
Iluminando-a, à rara-e-cara Bretanha, enquanto Seu reino campeia,  
Orgulho, rosa, príncipe, herói nosso, arcipreste,  
Fogo do lar do amor dos corações, dos regimentos dos nossos pensamentos Grão-Senhor.